

O paradoxo do conhecimento: breve discussão sobre o ensino presencial e a distância¹

Ronaldo Garcia Almeida

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Unesp, Bauru/SP

Célia Maria Retz Godoy dos Santos

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Unesp, Bauru/SP

Juliana de Araujo Cubas da Silva

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Unesp, Bauru/SP

Resumo

A partir da inserção da modalidade de ensino superior à distância no país, observa-se uma acelerada mudança de paradigma nos cursos de graduação. O objetivo deste estudo é discutir a dualidade entre ensino presencial e a distância, em relação aos contatos presenciais e à interatividade que ocorre na ambiência de aprendizagem a distância. Para isso, apresenta-se um exame, com base em estudiosos da área, localizando possíveis contribuições para o desenvolvimento de cursos a distância, que usam o atendimento presencial como suporte pedagógico. Esta discussão é parte de um estudo que analisa a eficiência do atendimento presencial da Univesp, no ensino a distância, observando as práticas pedagógicas dos gestores. Como resultado, espera-se auxiliar no esclarecimento do que é o “ensinar-aprender” e a noção de interação presencial usada para aclarar as ações e dificuldades encontradas na Univesp.

Palavras-chave: Educação a distância; modelo pedagógico; ambiente virtual de aprendizagem.

Introdução

Se ensinar refere-se ao comportamento ou a uma relação com o ambiente, cabe-nos questionar: quais os estímulos e aspectos estão envolvidos nesta situação? Quais os ambientes mais propícios para se estabelecer esta relação? Virtual ou presencial? Quais as consequências de determinadas práticas e modalidades de ensino? Pensando nisso, este texto aborda alguns aspectos sobre o ensino presencial *versus* virtual, não somente na dimensão flexibilidade e presença no curso, mas também sobre o processo de interação, relação professor-aluno, a partir das práticas pedagógicas dessas modalidades de cursos.

Para Andrade e Pereira (2012), existem duas modalidades distintas de educação formal que parecem seguir por caminhos paralelos coexistindo sem perspectivas de fusão: de um lado, o ensino a distância, que ainda goza de uma metodologia questionável e,

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT 7) Teorias, metodologias e práticas de ensino das Relações Públicas e Comunicação Organizacional, atividade integrante do XIV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

de outro, o ensino presencial, que tem poucos recursos e muita resistência a mudanças, na atual conjuntura.

A educação presencial é aquela que surgiu diante da necessidade de a espécie humana construir novos conhecimentos. Para isso, utiliza um espaço físico, ou seja, a sala de aula, com a presença efetiva do professor e do aluno. Mesmo diante da evolução humana e dos avanços tecnológicos ocorreram algumas transformações nessa modalidade de ensino, pois o professor, como detentor do conhecimento a ser transmitido aos seus alunos, passa a ser o mediador e o motivador para as relações que levam o alunado a aprendizagem. Por isso, muitas vezes pensamos que o ensino presencial nos permite uma maior interação entre os pares e melhor mediação pedagógica no esclarecimento de dúvidas junto aos discentes, o que nem sempre acontece. Já o ensino à distância nos remete ao pensamento de que os segmentos (aluno, professor, supervisores, tutores ou facilitadores) que compõem essa modalidade, possuem um distanciamento físico que os impedem de obter maior interatividade e mediação pedagógica, características exigidas para o ensino aprendido. No entanto, isso não acontece. Para Valente (2006), o que realmente importa no processo de ensino-aprendizagem não é a distância física real entre aluno e professor, mas sim a efetiva sensação de proximidade entre os participantes. De tal modo, para Andrade e Pereira (2012), essas duas modalidades de ensino (presencial e a distância) favorecem o surgimento da fusão delas de modo que se complementam, a partir de suas particularidades, proporcionando uma nova modalidade, a híbrida.

Vale destacar que tecnologia digital trouxe uma nova maneira de estabelecer a comunicação entre educadores e estudantes durante o processo de ensino e aprendizagem, visto que possibilitou algo antes considerado impossível pela mídia impressa, inviável pela mídia radiofônica ou mesmo pela televisão que é a dita “interatividade”. Esta é entendida como um canal de comunicação de mão dupla rápido que encurta distâncias e propicia um movimento de troca de informações, podendo envolver mídias diversas como: textos, sons, fotos, gráficos e filmes. Deste modo, a educação a distância passou a se apropriar destes recursos e ambientes virtuais de aprendizagem que ampliaram as possibilidades de estabelecer conexões com o conhecimento, porém, tendo como contrapartida a exigência de uma postura mais autônoma dos participantes neste novo contexto educacional.

A relação professor-aluno no ensino a distância, acontece então via a utilização das ferramentas de comunicação digitais, como fóruns virtuais, *e-mail*, *chats*, *webcam*, *hangouts* etc. Assim, num primeiro momento, pode-se pensar que, no ensino a distância, uma das barreiras entre aluno-professor é o contato físico, uma vez que, no ensino presencial, ele

ajuda na interatividade e na mediação pedagógica. No entanto, o aluno interagindo *online* com o professor pode se sentir mais próximo do que se estivesse em uma aula presencial com outros colegas, onde muitas vezes são impossibilitados de interagir adequadamente com o professor ou entre si (TORI, 2010).

Assim, voltando à discussão para o ensino híbrido, que se refere àqueles que combinam atividades de aprendizagem face a face com as desenvolvidas a distância (*Blended Learning*), passamos a discorrer sobre o modelo oferecido pela Univesp, Universidade Virtual do Estado de São Paulo, no qual o aluno se conecta a uma plataforma virtual e nesse ambiente são disponibilizados materiais didáticos, ferramentas tecnológicas (vídeos, *links*, *chats*, biblioteca virtual) e tutorias presencial e a distância. Ou seja, é um modelo híbrido, no qual algumas atividades são desenvolvidas pelo aluno no ambiente online e outras *off-line*. O elo entre o presencial e o virtual é um dos pontos importantes dessa modalidade, já que se pretende fortalecer o vínculo entre orientadores e alunos numa mudança de paradigma e de atitude.

A interatividade e o elo entre o ensino presencial e virtual

Biscalchin e Almeida (2011) evidenciam o enorme potencial comunicacional que a conexão em rede proporciona a seus usuários, especialmente, para lidar com as informações que são edificadas e repensadas para a própria construção do conhecimento. As tutorias podem interferir na socialização de ideias entre participantes, na orientação sobre os materiais didáticos, na formação de laços para construção de saberes comuns e nas outras atividades interativas com os alunos. Por isso, um dos elementos-chave para o desenvolvimento cognitivo do estudante em suas atividades ao longo das disciplinas é o tutor, que pode ter um contato virtual ou presencial. É ele o responsável por acompanhar, orientar, estimular e provocar o aluno para a construção de seu próprio saber, além de estimulá-lo a desenvolver reflexões, sobre o conhecimento produzido. Na aprendizagem em sala de aula ou no ambiente virtual, o tutor ou professor-orientador, além de contribuir no processo de ensino aprendizagem, atua como motivador e observador atento às sensibilidades dos alunos diante das dificuldades que surgem durante essa formação. Para Mill, Ribeiro e Oliveira (2013), os tutores têm uma importância pedagógica central, entre e com os alunos e, embora possa parecer que ele seja um elemento dispensável neste processo de educação a distância, ele possibilita a comunicação direta e o aprendizado mais significativo. Já Maggio (2001) diz que o papel do tutor virtual é mais institucional do que pedagógico, embora a maioria dos estudiosos concorde com a força e expressão das tutorias (virtual ou presencial) na construção de conceitos sobre a dialogicidade na comunicação e na interação necessária a aprendizagem,

nas contribuições institucionais, nos apoios as dificuldades do alunado, no estímulo a uma construção coletiva, ou até mesmo, para minimização dos índices de evasão do curso.

Do mesmo modo, entendendo o tutor como promotor de laços e vínculos, além de ser responsável pela criação de um ambiente propício à aprendizagem, Sá (1998, p.47), trouxe, há quase vinte anos, elementos que nos permite visualizar as diferenças entre as funções do docente na educação presencial e aquelas desempenhadas pelos tutores, em situações de educação a distância – EaD – (Figura 1).

Figura 1 - Diferenças entre o docente presencial e o tutor de EaD

EDUCAÇÃO PRESENCIAL	EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
Conduzida pelo Professor	Acompanhada pelo tutor
Predomínio de exposições	Atendimento em consultas individualizadas ou em grupo, em situações que o tutor mais ouve do que fala
Processo centrado no professor	Processo centrado no aluno
Docente como fonte central de informação	Diversificadas fontes de informações (material impresso e multimeios)
Convivência, em um mesmo ambiente físico, de professores e alunos	Interatividade entre aluno e tutor, sob outras formas, sem descartar “momentos presenciais”
Ritmo de processo ditado pelo professor	Ritmo determinado pelo aluno, conforme seus próprios parâmetros
Contato face a face entre professor e aluno	Múltiplas formas de contato, incluída a ocasional face a face
Elaboração, controle e correção das avaliações pelo professor	Avaliação conforme parâmetros definidos, em comum acordo, entre tutor e aluno
Atendimento, pelo docente em horários rígidos de orientação e sala de aula	Atendimento pelo tutor, com flexíveis horários, lugares distintos e meios diversos

Fonte: Adaptação de SÁ (1998, p. 49)

Na prática, as atividades presenciais dos cursos ministrados a distância não devem acontecer como no ensino tradicional e sim de forma participativa e colaborativa entre os participantes, para que a construção desses vínculos ou afetividade fortaleça e continue nos momentos virtuais. ALVES (2005) comenta que, ao se falar em educação a distância, deve-se almejar a eliminação das distâncias, ou seja, privilegiar a aproximação, pois do ponto de vista pedagógico as distâncias não trazem vantagem alguma.

Diante do exposto, pode-se resumir algumas diferenças entre o ensino presencial e a distância em relação às práticas pedagógicas, à frequência e às inter-relações entre aluno e docente. No ensino presencial, por exemplo, existe a obrigatoriedade do aluno em frequentar regularmente as aulas de forma mais rígida, em horário determinado. Já no ensino a distância, o discente define a sua participação de forma maleável nos ambientes

virtuais de aprendizagem de acordo com a sua necessidade e flexibilidade do tempo (dias e horários). Em relação à mediação pedagógica, no ensino presencial, o aprendizado está focado no professor e no seu desempenho, para que o aluno tenha uma aprendizagem significativa. No entanto, no ensino a distância quem determina o ritmo de aprendizado é o próprio aluno e quem estabelece as avaliações são o professor da disciplina ou os facilitadores/mediadores.

O ensino a distância possui os orientadores, tutores ou facilitadores que são elos entre os alunos e professores, sendo que estes têm maior contato no processo de ensino aprendizagem. Enquanto no ensino presencial, não existe a necessidade de um intermediário, ou seja, tutores ou facilitadores das disciplinas.

Para Palloff e Pratt (2004), em alguns casos, a comunicação via internet tem apresentado maior eficácia que a comunicação presencial. Se no ensino presencial essa comunicação é dada diante da convivência diária num ambiente físico entre docentes e discentes, com uma metodologia mais tradicional que é a aula expositiva e dialogada ocorrendo maior proximidade entre os alunos e professores, no ensino a distância a separação física entre professor e aluno, possibilita mais autonomia ao discente, além da possibilidade de alguns encontros presenciais no polo com objetivos de socialização e apoio didático para a construção do conhecimento.

Em relação às práticas pedagógicas no ensino presencial é necessária a mediação do professor para que ocorra o processo de ensino aprendizagem, enquanto na educação a distância o docente/facilitador/tutor lança desafios aos alunos para que busquem alternativas de soluções da situação-problema e com isso ocorre à aprendizagem significativa. Já as atividades propostas no ensino presencial acontecem num modelo tradicionalista com avaliações somativas, exercícios de fixação nos quais o aluno tem dependência do professor, contudo no ensino a distância as práticas pedagógicas podem ocorrer via participação do aluno nos fóruns, *chats*, formulários com questões objetivas e dissertativas, vídeos, *wikis* com fraca interdependência do docente e maior autonomia do aluno para a construção do conhecimento de forma colaborativa com acesso aos materiais didáticos disponibilizados no ambiente virtual de aprendizagem.

Um dos desafios do ensino a distância está relacionado a interação entre os participantes, com o uso das Tecnologias da Informação e comunicação nessa modalidade de ensino. Segundo Netto (2010, p. 5):

para fazer com que os estudantes se sintam mais motivados e tenham maior facilidade de aprendizagem o aspecto afetivo é um dos elementos importantes que deve ser considerado no processo de aprendizagem percebendo que as relações afetivas se tornam evidentes no processo educativo pois a construção do conhecimento implica uma interação entre pessoas. (NETTO, 2010, p. 5).

Importante salientar que os gestores pedagógicos devem proporcionar atividades aos alunos para que eles entendam a necessidade de interação e solidariedade de todos os atores do processo e da valorização da aprendizagem colaborativa nos momentos online e off-line e que essa interatividade possa minimizar as distâncias. Isto é, cada vez mais a aproximação de todos na mediação pedagógica no ambiente virtual e a tutoria precisam atuar de forma a desenvolver “verdadeiras aprendizagens, que [levem] o sujeito a realizar interações que o desenvolvam” (LINS, 2005, p. 38), demonstrando a acuidade da relação e da interação. Além disso, deve-se destacar que o professor-orientador não é o único detentor do conhecimento nos processos de aprendizagem e desenvolvimento, para com isso favorecer a construção de forma colaborativa entre professores e alunos tanto nos encontros presenciais como nos virtuais. Por exemplo, o orientador de polo ou mediador da disciplina Projeto Integrador - caso específico deste estudo, ainda em processo de coleta de dados - deve ter um olhar perceptivo para definir os momentos de encontros presenciais nas turmas no polo, permitindo que essa interação fortaleça cada vez mais o crescimento desses vínculos.

Moran, Masetto e Behrens (2010) asseguram que a mediação de um tutor visa estimular a inter-relação entre os alunos e promover, em paralelo, sua autonomia no processo de ensino-aprendizagem. As responsabilidades do tutor num curso a distância, não envolve exclusivamente a aprendizagem colaborativa, pois ele não é apenas um mentor na aprendizagem, mas tem a função de administrar as interações entre os discentes. Por isso, a interação na educação a distância se torna um processo de ensino aprendizagem mais rico e eficaz. Elas advêm de duas formas: interações humanas e não humanas.

Neste estudo, as interações humanas são formadas pelos segmentos de aluno, professor, orientador ou tutor, facilitador e mediador, que devem construir uma vinculação afetiva com objetivos comuns. Por outro lado, a construção do conhecimento de forma colaborativa no processo de ensino aprendizagem e as interações não humanas se referem à relação entre homem e máquina, que acontece entre o aluno e o ambiente virtual de aprendizagem (aluno-conteúdo, aluno-ambiente e aluno-ferramentas). Existem vários modelos de design para atividades interativas num processo ou modelo de educação a distância, sendo que as concepções adotadas pela Univesp são as desenvolvidas por Hirumi

(2013), que estabelecem três níveis de interações para *e-learning* que são: Nível I - Interações Internas do Aluno, Nível II – Interações Humanas e Não-Humanas do Aluno, e Nível III - Interações do Aluno com a Instrução.

Na classificação dos níveis de interações, segundo Hirumi (2013), o nível I refere-se a mente dos estudantes, o II alunos e recursos que podem ser humanos e não humanos e o nível III define as estratégias do e-learning com o objetivo de orientar e estimular as interações entre os três níveis para o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem eficaz.

Nas interações internas aos alunos (nível I), é definido como eles próprios conseguem gerenciar a sua aprendizagem, no desempenho de atividades individuais ou coletivas. Já nas interações humanas e não humanas (nível II), o aluno depende de outras pessoas para a construção do conhecimento ou das ferramentas tecnológicas disponíveis no ambiente virtual.

Quando nos referimos ao relacionamento entre *aluno-professor*, a interação inicial pode ser tanto do professor quanto do aluno, antes ou durante do processo de ensino. O papel docente é disponibilizar material didático, monitorar e avaliar o desempenho do aluno e facilitar a aprendizagem a partir das atividades propostas. É importante que o *feedback* ao aluno ocorra de forma rápida para não gerar insegurança e desmotivação. Já o aluno pode esclarecer dúvidas, trocar informações e até mesmo avaliar o desempenho dos docentes.

Logo, a interação que acontece entre *aluno-aluno* e, às vezes em grupos, com a participação do docente ou não, visa a construção de conhecimento a partir das competências e habilidades específicas, como por exemplo, a utilização de fóruns na busca de soluções para determinada situação. A comunicação pode ser síncrona e assíncrona, de forma cooperativa e colaborativa, o que proporciona o fortalecimento de vínculos e do sentimento de fazer parte da turma.

A relação entre *aluno-outro* conglomera a interação com outras pessoas, externas ao ambiente, com foco na troca de conhecimento com facilitadores, mediadores, especialistas ou com a equipe que compõem a secretaria acadêmica. Assim, permite analisar, avaliar, interpretar e colocar a aprendizagem em prática no mundo real.

O intercâmbio *aluno-conteúdo* se configura quando o aluno acessa, por meio da plataforma, a vários tipos de materiais didáticos (vídeos, textos, áudios etc.) a respeito do assunto da disciplina e esses conteúdos podem ser programados em que dia e horário serão disponibilizados aos cursistas. Já a relação *aluno-ferramenta* se refere às interações com ferramentas do ambiente virtual de aprendizagem (e-mails, fóruns, chat, wikis etc.) ou fora

desse ambiente (editores de textos, planilhas e *softwares* específicos), auxiliando a interação no AVA. Estas devem estar disponíveis fora da aula, para que possam vivenciar na prática os conhecimentos adquiridos na disciplina.

Outro tipo de interação é a do *aluno-ambiente*, que ocorre quando ele trabalha com recursos ou visitas técnicas fora do ambiente virtual, para coletar, observar, analisar ou participar de eventos que complementem o seu aprendizado. É uma atividade de difícil gerenciamento porque acontece fora do ambiente educacional cabendo ao docente estabelecer um planejamento para avaliar essa aprendizagem. As interações *aluno-instrução* (nível III) são as responsáveis pelas estratégias elaboradas e aplicadas sequencialmente para que o aluno interaja com os níveis I e II. Elas definem as ferramentas e mídias que promovem as influências durante a aula ou a disciplina, com vistas à aprendizagem.

Como visto, a interação é essencial para a construção do conhecimento em qualquer modalidade de ensino. Por isso, a Univesp a privilegia em seu Modelo Pedagógico, colocando-a como um dos seus principais eixos e valorizando-a em todas as trocas comunicativas desde a criação, produção, até as ações educacionais dos seus cursos.

No processo de formação do aluno ocorrem vários tipos de interação, com ênfase maior nas relações entre aluno e conteúdo e nas atividades propostas. A Univesp, portanto, ressalta a importância desta na formação do aluno ao proporcionar produção e oferta de materiais (textos, vídeos, atividades, projetos) que sejam adequados às suas necessidades para que possam ser compreendidos e traduzidos em aprendizagem. Convém ressaltar ainda que a orientação nas atividades individuais e grupais tem o objetivo de formar alunos que saibam formular hipóteses, discutir possibilidades e expor de forma construtiva a sua visão compartilhada com os outros alunos. Sobretudo, as orientações são um aspecto essencial neste processo de ensino aprendizagem e, tem enfoque maior, na disciplina de Projeto Integrador.

O desafio, apesar das tantas ferramentas digitais disponíveis, é realmente a mescla do presencial e do virtual cada vez mais acentuada, pois o educador precisa fazer uso de problematizações e dos recursos multimidiáticos existentes para articular os saberes com seus alunos via *web*, por meio dos mais diversos tipos de equipamentos disponíveis e, muitas vezes, em encontros presenciais.

As partes envolvidas (alunos, docentes e tutores) necessitam de um convívio social mais aberto ao diálogo, independentemente do tempo ou do espaço físico ou virtual que se faz uso. Interagir de forma colaborativa é importante para o processo de ensino aprendizagem, seja em ações como ler as mensagens dos colegas; contribuir com novas informações; ou participar de fórum. Enfim, a figura do tutor traz ao processo a facilitação

das normas de netiquetas, isto é, ajuda a respeitar os prazos definidos e os direitos autorais em seus diversos aspectos, demonstrando a “regularidade e sistematização nas orientações e no acompanhamento do aprendiz” (MILL *et al*, 2008, p. 120).

Por isso, em tempos de conexões multimidiáticas que mesclam realidade e virtualidade, uma das provocações e objeto deste estudo são as práticas presenciais no ambiente virtual dos cursos a distância.

Breve contexto e plano nacional de educação no Brasil

O governo federal instituiu o Plano Nacional de Educação (PNE), cuja diretriz é proporcionar políticas públicas educacionais que ofertem à sociedade brasileira educação de qualidade e diminuição do analfabetismo funcional a fim de alcançar melhores índices e *ranking* nas avaliações do Pisa². Uma das metas referente ao ensino superior é o aumento do número de vagas. Diante do cenário atual, o ensino virtual tem potencialidades para alcançar esse objetivo no período de vigência do PNE (Plano Nacional de Educação), aprovado em 2014, sobre o qual os agentes federados (estados e municípios) tiveram que se apoiar para elaborar seus planos.

Para conseguir este intento, é imprescindível o apoio das tecnologias digitais e dos cursos ofertados pela Educação a Distância, em suas diferentes modalidades (SANTOS, FERREIRA, 2015, p. 57). Esta demanda de vagas não consegue ser atingida rapidamente só com as ofertas das instituições públicas e privadas do ensino presencial. Por isso, as universidades privadas também podem ofertar vagas no ensino a distância.

Em relação às vagas no ensino a distância em instituições públicas, para atender a esta resolução e meta, foi criada em 2012 a Univesp. Essa universidade oferta atualmente um número de vagas superior a totalidade disponibilizada para o ensino presencial pelas três universidades públicas do estado de São Paulo: Unesp, Unicamp e USP. De acordo com dados oficiais do Censo da Educação Superior (2017), as matrículas no ensino presencial entre os anos de 2012 a 2016 avançaram 10%, enquanto na educação a distância o crescimento foi de 34%. Quanto ao número de concluintes, no ensino presencial, a variação positiva nesse período foi de 7% e, na modalidade a distância, de 32%. Diante desse levantamento, percebe-se um substancial crescimento nas matrículas em educação a distância e considerável redução na opção pelo ensino presencial.

De tal modo, observa-se que a escolha por determinada forma de graduação no ensino presencial ou a distância depende de vários fatores, incluindo as particularidades de

² Programa Internacional de Avaliação de Estudantes.

cada aluno; as questões políticas, sociais, geográficas e econômicas; entre outros. O ensino presencial, embora com algumas modificações, é entendido como tradicional, uma vez que apresenta maior proximidade e interação direta entre o professor-aluno; as dúvidas são esclarecidas em tempo real; e há o dinamismo do contato social no processo de ensino aprendizagem durante a construção do conhecimento. As práticas docentes aplicadas nos cursos presenciais têm ênfase na interação entre professor-aluno e aluno-professor com aplicabilidade da teoria na prática, cujo objetivo é permitir ao discente que consiga visualizar possibilidades a partir de uma situação problema. Normalmente, o perfil do aluno na modalidade de ensino presencial engloba pessoas que estão iniciando a sua carreira, que tem disponibilidade de tempo e dedicação quase que exclusiva para os estudos, com a necessidade de vivência em sala de aula e acompanhamento mais próximo dos docentes. Esse é o modelo priorizado na trajetória acadêmica do ensino fundamental e médio, especialmente nos oferecidos pelo estado.

Atualmente, diferentemente de outrora, no ensino presencial, o docente não se restringe a divulgador de informações passando a ser um mediador na construção do conhecimento do seu alunado, embora ainda detenha a capacidade da autogestão desse processo de ensino. Vemos, inclusive, alguns docentes de cursos presenciais que utilizam metodologias com apoio de tecnologias digitais e até plataformas virtuais, como o *moodle*, para realização de atividades complementares e/ou tarefas em suas práticas pedagógicas de sala de aula, a fim de tornar a aprendizagem mais participativa e integrada.

As tecnologias móveis desafiam as instituições a sair do ensino tradicional em que os professores são o centro para uma aprendizagem mais participativa e integrada, com momentos presenciais e outros a distância, mantendo vínculos pessoais e afetivos, estando juntos virtualmente (MORAN, s/d, p. 2).

Já o ensino a distância é visto, por alguns estudiosos, como a solução para a expansão rápida e acelerada na oferta de vagas no ensino superior através dessa modalidade de ensino. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) deu início ao processo de implementação do ensino a distância no Brasil, que só se consolidou e ganhou força a partir de 2000, quando as instituições públicas começaram a oferecer esse tipo de ensino. Em seguida, mais ou menos em 2002, as instituições privadas de ensino também aderiram a essa nova modalidade.

Preti (2011) expõe alguns fatores estruturais e conjunturais que foram favoráveis à implantação do ensino a distância, impulsionando seu crescimento, como: a)

político-social: ampliar as oportunidades diante do desemprego e frente à necessidade de qualificação de trabalhadores; b) econômico: dar formação ao trabalhador sem onerar os cofres públicos e sem tirar o trabalhador do seu local de trabalho; c) pedagógico: a escola com sua estrutura fechada e burocratizada acaba se tornando um obstáculo para o trabalhador, que necessita de uma modalidade de ensino mais leve, mais flexível e que ofereça alternativas mais próximas à sua realidade; e d) tecnológico: as tecnologias da informação e da comunicação aplicadas ao ensino favorecem pensar em situações novas de aprendizagem, nas quais a figura presencial do professor pode ser dispensável, de forma a possibilitar que o mesmo atenda uma gama muito maior de alunos mantendo o nível de qualidade.

Nessa modalidade, existe uma maior flexibilidade para o aluno no que diz respeito aos horários de estudos e realização das tarefas, à necessidade de uma maturidade/persistência no compromisso com os estudos a distância, com os conteúdos disponíveis 24 horas por dias para acesso e sem barreiras geográficas, pois não é necessário comparecer ao campus da universidade. Dessa forma, o aluno desenvolve autonomia para resolução dos problemas, ao mesmo tempo em que a instituição respeita o ritmo de cada aluno na construção do conhecimento. O perfil do aluno na modalidade de ensino a distância engloba pessoas que já atuam na área do curso escolhido e estão buscando melhorar a sua qualificação para atender as demandas exigidas pelo mercado de trabalho para a sua independência profissional.

Oportunizar uma educação de qualidade nas relações pedagógicas entre os agentes educacionais e discentes com o rompimento das barreiras existentes no ensino a distância e o desejo de conseguir a proximidade nas relações humanas entre todos os segmentos (docentes, discentes, tutores, mediadores e facilitadores) são metas promulgadas para o ensino a distância, no sentido de se equipar à aprendizagem apreendida na modalidade presencial. Zuin (2006, p. 952) argumenta a necessidade de haver “o desejo de que a educação a distância, ao invés de apartar os agentes educacionais, contribua para uma maior aproximação, justamente porque não se furta da necessidade de comunicar as privações e alegrias humanas que a engendraram”, para que essa modalidade de ensino possibilite não apenas o aumento do número de cidadãos com formação superior nos censos demográficos realizados pelos órgãos governamentais, mas também a educação para todos (pelo menos em tese) com qualidade.

Desde os primeiros cursos ofertados na modalidade EaD até o cenário atual houve várias transformações na participação dos alunos com a obrigatoriedade ou não de frequentar o polo para execução dos estudos, atividades e realização das provas bimestrais.

Atualmente, as instituições de ensino utilizam uma metodologia híbrida (formação mais completa, interativa e personalizada) nos cursos virtuais, ou seja, alguns momentos presenciais e outros a distância, a fim de fortalecer os vínculos entre os orientadores e/ou mediadores de polo e os discentes, além da proximidade entre os cursistas da turma.

Segundo Tori (2010, p.121):

A convergência entre virtual e real tem sido discutida há algum tempo [...]. Mais recentemente, essa abordagem tem se popularizado, e o termo *blended learning* começa a se consolidar. Com essa abordagem, os educadores podem lançar mão de uma gama maior de recursos de aprendizagem, planejando atividades virtuais ou presenciais, levando em consideração limitações e potenciais que cada uma apresenta em determinadas situações e em função de forma, conteúdo, custos e resultados pedagógicos desejados.

Igualmente, o discente acaba vivenciando a prática aliada à teoria apresentada nos conteúdos disponibilizados no AVA desenvolvendo várias habilidades, competências técnicas e comportamentais para saber lidar com os desafios do mercado de trabalho, que a cada dia se torna mais exigente, utilizando as novas tecnologias. Com isso, existe uma inversão no processo de ensino, de modo que o aluno se torna o protagonista desse aprendizado de uma forma mais interacionista e democrática. Quando ele sente a necessidade de orientações pedagógicas, tem o apoio dos docentes, dos orientadores de polo e dos facilitadores das disciplinas para construção desse conhecimento a partir de projetos, pesquisas e busca pela solução para a situação problema. Essa abordagem se faz em diversos “espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos” (MORAN, 2015, p. 27) combinando atividades presenciais e a distância. Portanto, essa perspectiva abre espaço para que tanto professor quanto estudante possam ser protagonistas do ensino e da aprendizagem, já que o ensino híbrido permite a todos que se tornem atores do conhecimento (MORAN, 2015).

Nos polos presenciais da Univesp, desde a sua criação em 2002 experimentou-se várias metodologias com o intuito de uma aprendizagem efetiva dos seus alunos matriculados nos cursos a distância, e atualmente caminha-se para efetivação do ensino híbrido, como alternativa para algumas dificuldades.

A disciplina Projeto Integrador é de cunho obrigatório, consta no Projeto Político Pedagógico do Curso, é semestral e a composição das equipes (de 5 a 7 alunos) é realizada pela instituição de ensino buscando oportunizar aos discentes a relação teoria e prática referente às disciplinas ofertadas em cada bimestre, objetivando a resolução de uma

situação problema vivenciada no município, de acordo com os temas disponibilizados e avaliados pelo mediador da disciplina.

O Projeto Integrador – constitui em modalidade de ensino que proporcionará, ao longo do curso, a interdisciplinaridade e transversalidade dos temas abordados no currículo. É um instrumento que proporciona relacionar a teorias estudadas às práticas realizadas no mundo do trabalho (UNIVESP, 2019).

Os polos presenciais da Univesp são os espaços físicos, nos quais os alunos contam com infraestrutura (computadores, impressoras e acesso à internet) para realizar atividades como provas, discussões em grupos e confecção de trabalhos supervisionados pelos orientadores e mediadores do polo.

Para que o polo tenha uma efetiva contribuição na vida acadêmica do alunado é primordial que ele ofereça boa estrutura física para as atividades presenciais, compartilhamento de conhecimento entre ambos os segmentos, afetividade e espaço para as equipes trocarem experiências acadêmicas e profissionais vivenciadas no mercado de trabalho. Em alguns momentos, a aprendizagem acontece individualmente e, em outros, de forma coletiva e colaborativa na construção do conhecimento.

A interação também pode acontecer entre os aprendizes, um auxiliando o outro com o conhecimento que possui. Nesse caso estabelece-se uma verdadeira relação de aprendizes, inclusive com a participação do professor, que pode estar aprendendo ao mesmo tempo que tem o papel de manter o ciclo de ações funcionando com cada um dos aprendizes (VALENTE *et al.*, 2011, p. 14-15).

O sonho ou a utopia seria um modelo educacional a distância visando um ensino de qualidade, digno e igualitário a sociedade atendendo às questões sociais, políticas e culturais.

Considerações preliminares

Os encontros presenciais na modalidade de ensino a distância têm grande influência em vários aspectos na formação do sujeito, principalmente porque é necessário um fortalecimento de vínculos entre o professor-orientador e alunos através das relações interpessoais para uma aprendizagem significativa que ultrapasse esses limites nos momentos virtuais. Já na aula inaugural é uma atividade de integração importante, posto que exige a obrigatoriedade da participação do aluno com a finalidade de conhecer o polo da instituição de ensino desde a sua infraestrutura, o organograma institucional, o projeto político

pedagógico, até as normas acadêmicas e o ambiente virtual de aprendizagem. No entanto, a construção dessa afetividade deve acontecer no primeiro contato com o aluno, quando este vem ao polo para realizar a sua matrícula e é recepcionado pela equipe gestora do polo. Há ainda aspectos a serem considerados, como a interação face a face entre os participantes e entre os colegas aprendentes (TARDIFF & LESSARD, 2005). Um dos objetivos desses encontros presenciais não é apenas ser um espaço para a construção do conhecimento, mas sim possibilitar que o discente não se sinta sozinho no processo de ensino e aprendizagem durante as práticas pedagógicas realizadas no ambiente virtual de aprendizagem.

Para que aconteça essa aprendizagem, necessita-se que os discentes criem ações para uma autonomia, motivação e autoaprendizagem para que realmente exista a construção do conhecimento de forma eficaz, com o eixo principal sendo o alunado, que saiba utilizar suas experiências vivenciadas no cotidiano como fonte de recursos, e os docentes, mediadores, facilitadores e orientadores sejam o suporte dos alunos atuando como gestor do processo de ensino.

O Modelo Pedagógico da Univesp busca potencializar a aprendizagem dos seus estudantes orientando seus caminhos formativos de acordo com os seguintes objetivos: a) favorecer aprendizagens significativas; b) estimular a corresponsabilidade do estudante pela aprendizagem eficiente e eficaz; c) promover tanto estudos independentes e sistemáticos como a autoaprendizagem; d) oferecer ações em diferentes ambientes de aprendizagem; e) auxiliar no desenvolvimento das competências requeridas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação; f) promover a aplicação da teoria e dos conceitos para a solução de problemas práticos relativos à profissão; g) direcionar o estudante para a busca de raciocínio crítico e a emancipação intelectual.

Essas propostas visam uma trajetória de sucesso na formação dos discentes com uma preocupação no desenvolvimento técnico, nas competências e nas habilidades humanas garantindo efetivamente uma integração com a sociedade e uma aprendizagem em que consiga lidar com conflitos e incertezas. Além disso, as transformações e mudanças de paradigmas na sociedade são apoiadas pelas tecnologias com o desafio de superar as práticas educacionais tradicionais, assim o aluno assume ativamente a construção do saber no processo de aprendizagem.

Referências

ANDRADE; L.; PEREIRA, E. Educação a distância e ensino presencial: convergência de tecnologias e práticas educacionais. 2012. **Simpósio Internacional de Educação a Distância**. Disponível em: <http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/Trabalhos/364-1042-2-ED.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

BISCALCHIN; A. C. S; ALMEIDA, M. A. Apropriações sociais da tecnologia: ética e netiqueta no universo da infocomunicação. *In: CID: R. Ci. Inf. E Doc.*, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, 2011; p. 193-207.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto Lei 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1995, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, 19 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em: 21 dez. 2019.

HIRUMI, A. Aplicando estratégias fundamentadas para projetar e sequenciar interações em e-learning. *Revista da ABT*, n. 200, p. 7-41, jan./ mar. 2013. Disponível em: <http://abt-br.org.br/wp-content/uploads/2017/03/200.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2020.

MAGGIO, M. O tutor na educação a distância. In: LITWIN. E. (Org). **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre. Artmed, 2011, p. 93-110.

UNIVESP. **Manual do aluno**, 2019. Disponível em: <https://apps.univesp.br/manual-do-aluno/>. Acesso em: 05 fev. 2020.

MORAN, J. M.; MASSETO; BEHRENS, M. T. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papyrus, 2010.

MILL, D.; RIBEIRO, L.R.C.; OLIVEIRA, M.R.G. Trabalho docente na educação contemporânea: saberes e prática pedagógica presencial e virtual. *In: MILL, D.; MACIEL, C. (Org.). Educação a Distância: elementos para pensar o ensino aprendizagem contemporâneo*. Cuiabá: EdUFMT, 2013, p. 103-124.

NETTO, C.M. **Estratégias para Construção de Relações Afetivas em Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. Disponível: <http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010085045.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2020.

PALOFF, R.; PRATT. K. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes online**. Porto Alegre. Artmed. 2004.

PRETI, O. **Educação a distância: fundamentos e políticas**. Cuiabá. UFMT. 2 Ed. Revisada. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/33840291/EDUCAÇÃO_A_DISTÂNCIA. Acesso em: 20 jan. 2020.

SANTOS, C. de A.; FERREIRA, S. O Plano Nacional de Educação e os desafios da expansão da educação superior. *In: SOUSA, José Vieira (Org.). Expansão e avaliação da educação superior brasileira: formatos, desafios e novas configurações*. Belo Horizonte: Fino Traço; Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 2015. p. 55-72.

TORI. R. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac. São Paulo, 2010.

VALENTE, J, A. **EAD – Diferentes abordagens pedagógicas**. Disponível em: <https://www.proinfo.mec.gov.br/upload/biblioteca/195.pdf>. 2006. Acesso em: 20 fev. 2020.

VALENTE, J, A.; MORAN, J. M.; ARANTES, V. A. (org.) **Educação a distância: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2011.

ZUIN. A. A. S. Educação a distância ou educação distante? O programa universidade aberta do Brasil, o tutor e o professor virtual. **Educação e Sociedade**, v. 27, n. 96, edição especial, p. 935-954, out., 2006.